

A VOXE O VERBUMNO SERMÃO 288: ALGUMAS NOTAS SOBRE O DISCURSO INTERIOR EM AGOSTINHO

Diego Frago Pereira
Faculdade São Luiz

Resumo: Neste estudo sobre o *Sermão* 288 de Agostinho de Hipona, pretendo investigar o papel desempenhado no discurso interior pelos conceitos 'uox' e 'uerbum', ambos fundamentais para se compreender o *uerbum in corde* agostiniano. Em junho de 401, na solenidade de João Batista, Agostinho proclama esse sermão diante da assembleia de Cartago. O objetivo era diferenciar Jesus e João Batista. Para isso, Agostinho analisa dois conceitos: *uerbum* e *uox*. Jesus seria o *Verbum Dei* e João seria a *uox* que clama no deserto. Para entender a relação entre o *Verbum Dei* e a *uox clamantis in deserto*, passa-se para o *uerbum* humano, que está no interior da mente. O *uerbum* interior tem a propriedade de significar, de ser concebido no coração, de ser conservado na memória, de viver no entendimento, de não pertencer à nenhuma língua, de permanecer íntegro no coração, de se servir do auxílio da *uox* para se dar a conhecer a um determinado ouvinte, ao passo que a *uox* não apresenta tais propriedades. Ela seria uma das formas possíveis pela qual o *uerbum* interior se manifestaria. Ora, todas essas características representam o cerne da doutrina agostiniana do *uerbum* interior. Seria, portanto, em 401 o momento em que Agostinho já teria à mão os principais conceitos de uma teoria que, nos anos seguintes, seria complementada através do *De Trinitate* 8–15.

Palavras-chave: Agostinho de Hipona, *Sermão* 288, *uox*, *uerbum*, *uerbum in corde*.

Résumé: Dans cette étude sur le *Sermon* 288 d'Augustin d'Hippone, j'ai l'intention d'enquêter sur le rôle joué dans le discours intérieur par les concepts de « *uox* » et de « *uerbum* », les deux fondamentaux pour comprendre le *uerbum de corde* agustinien. En juin 401, lors de la solennité liturgique de Jean-Baptiste, Augustin a proclamé ce Sermon devant l'assemblée de Carthage. Le but était de différencier Jésus et Jean-Baptiste. Pour cela, Augustin analyse deux concepts: *uerbum* et *uox*. Jésus serait le *Verbum Dei* et Jean serait celui qui crie dans le désert. Pour comprendre la relation entre le *Verbum Dei* et la *uox clamantis* dans le désert, on passe au *uerbum* humain, qui est à l'intérieur de l'esprit. Le *uerbum* intérieur a la propriété de signifier, d'être conçu dans le cœur, d'être conservé dans la mémoire, de vivre dans la compréhension, de n'appartenir à aucune langue, de rester intact dans le cœur, d'utiliser l'aide de la *uox* pour se donner à connaître à un auditeur particulier, alors que la *uox* n'a pas de telles propriétés. Ce serait l'une des manières possibles pour que le *uerbum* intérieur se manifeste. Or, toutes ces caractéristiques représentent le noyau de la doctrine agustinienne du *uerbum* intérieur. Ce serait donc dans 401 le moment où Augustin aurait déjà sous la main les concepts principaux d'une thèse qui, dans les années suivantes, serait complétée par le *De Trinitate* 8–15.

Mots-clés: Augustin d'Hippone, *Sermon* 288, *uox*, *uerbum*, *uerbum in corde*.

Introdução

O discurso interior é um tema recorrente na história da filosofia medieval¹. É possível identificar, pelo menos, três tradições que perpassam as discussões dos pensadores do período. A primeira delas se inicia com Platão e Aristóteles, cujos conceitos entram no jargão latino medieval através de Boécio com a expressão “*animi atque intellectus oratio*”² (“discurso da alma ou do intelecto”). A segunda se refere aos estoicos com o uso das expressões “*logos endiáthetos*” e “*logos prophorikós*” (“palavra interior” e “palavra proferida”), passando pelos alexandrinos (Fílon de Alexandria³, por exemplo), padres gregos, gnosticismo, arianismo, a condenação do Concílio de Sirmio, em 351, chegando a João Damasceno, no século XVIII. A terceira é a tradição latina a partir de Mário Vitorino e Agostinho de Hipona, onde o discurso interior é concebido como um tipo peculiar de *uerbum*⁴.

Mas a que me refiro com a expressão “discurso interior”? Chamo discurso interior ou linguagem mental ao raciocínio ou ao pensamento que ocorre no interior da mente. Esse discurso possui algumas características: (a) é anterior a todas a línguas, (b) é o fundamento dessas mesmas línguas, (c) é o mesmo para todas as pessoas, (d) pode haver uma sintaxe e uma semântica definidas.

Em Agostinho, o discurso interior surge com fins teológicos, ora para explicar a encarnação do Filho, ora para compreender os papéis desempenhados por Jesus e João Batista na Economia da Salvação, ora para fundamentar a relação entre as palavras faladas e escritas com o pensamento (*cogitatio*), ora para descrever as faculdades da mente (*anima, animus, mens, cor*). Penso em textos conhecidos,

1 Uma considerável bibliografia sobre o discurso interior durante o período medieval está disponível em: VALENTE, L. “Verbum mentis - vox clamantis: the notion of the mental word in twelfth-century theology”. In: SHIMIZU, T.; BURNETT, C. (eds.). *The Word in Medieval Logic, Theology and Psychology*. Acts of the XIIIth International Colloquium of the Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, Kyoto, 27 September-1 October 2005. Turnhout: Brepols, 2009, p. 375, n. 1.

2 BOÉCIO. *In librum Aristotelis Peri Hermeneias*. Pars Posterior. Secunda Editio. Lipsias: Teubner, 1858, p. 24-25.

3 Cf. KAMESAR, A. “Logos Endiathetos and the Logos Prophorikos in Allegorical Interpretation: Philo and the D-Scholion to the Iliad”. In: *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 44, 2004, p. 163-181. Kamesar discute o emprego realizado por Filon do par *logos endiáthetos-logos prophorikós* para interpretar alegoricamente os dois irmãos protagonistas do livro do Êxodo, Moisés e Aarão. Tal interpretação não seria original de Filon, mas uma repetição de uma passagem do Escólio D da Iliada, de Homero, onde também há os dois irmãos Aloídas, Oto e Efiltes, que são vistos como *endiáthetos e prophorikós*.

4 Cf. *De Trinitate* 15,10,17-11,21,15,12,22.15,14,24-15,25. Ver também: PANACCIO, C. “Augustin, le verbe mental et l’amour”. In: BAZÁN, B. C. et al. (org.). *Les Philosophies Morales et Politiques au Moyen Age*. Nova Iorque, Legas: 1995, v. 2, p. 777-786.

como o *De Trinitate*, uma das obras-primas agostinianas, o *De Doctrina Christiana*, o *Tractatus in Iohannis Euangelium*, o *De Magistro*, mas também penso em escritos menores e/ou breves, como é o caso do sermões.

Assim, no texto que segue, pretendo examinar o terceiro parágrafo do *Sermão* 288 (ao qual irei me referir como ‘*Sermão*’), a fim de reconstruir a posição de Agostinho acerca do discurso interior especificamente no ano de 401, destacando dois conceitos e suas principais notas que, ao meu ver, são fundamentais para a compressão da teoria agostiniana: a *uox* e o *uerbum*, a voz e a palavra. Para tanto, divido o texto em duas parte: na primeira, após algumas considerações gerais sobre o *Sermão*, me detenho na *uox* e no *uerbum prolatum*, caracterizando-os e relacionando-os com o signo (*signum*) e o som (*sonus*); na segunda, investigo o *uerbum* propriamente dito, extraindo suas principais características, comparando-as com a definição de discurso interior que apresentei acima e concluo, chamando a atenção para algumas questões pontuais do *Sermão*.

1. *De sermone* 288

O *Sermão* 288 foi lido diante da assembleia de Cartago no dia 24 de junho de 401, na solenidade litúrgica do nascimento de João Batista, considerado pela tradição bíblica como primo e precursor de Jesus de Nazaré. Trata-se de um texto relativamente longo para sua finalidade, ainda que esteja dividido em apenas cinco parágrafos. No primeiro, Agostinho exorta a assembleia a festejar o nascimento de João, o precursor do homem Deus. No segundo, João é visto como um grande profeta, suas qualidades e seu caráter são destacados e ele próprio se define como “uma voz que clama no deserto”. No terceiro, Agostinho diferencia *uox* e *uerbum*, explicando e caracterizando a ambos. No quarto, mostra-se a precedência do *uerbum* sobre a *uox*, ainda que seja preciso o *ministerium* da *uox* para o *uerbum* chegar ao ouvinte. No quinto e último, Agostinho faz um apelo moral, a fim de que sua assembleia almeje uma maior união ao *Verbum Dei* e uma menor dependência da *uox* (das *uoces*).

De um lado, nos evangelhos, João Batista é chamado, dentre diversos nomes, de “a voz que grita no deserto”, em referência à passagem de Isaías 40,3 (“*uox clamantis in deserto*”). Os quatro evangelistas, quando apresentam a figura de João, o fazem por meio da citação do livro de Isaías⁵. De outro, no prólogo do evangelho de João (um outro João), Jesus é apresentado como o *Verbum* que era desde o princípio, que era Deus, que estava junto de Deus e que se encarnou. Portanto, temos uma *uox clamantis* e um *Verbum quod erat in principio*: uma *uox* e um *uerbum*. Diante disso, Agostinho procura mostrar que, assim

5 Cf. Mt 3,1-3; Mc 1,2-4; Lc 3,2-4; Jo 1,15.23.

como João Batista anuncia a pessoa de Jesus, assim também a *uox* anuncia o *uerbum*. Para isso, é preciso em primeiro lugar mostrar a diferença entre *uox* e *uerbum*. Em seguida, indicar como a comparação do par *uox-uerbum* se aplica às pessoas de João e de Jesus. E isso é feito no *Sermão* 288,3.

2. A *vox* e o *uerbum prolatum*

Examino aqui a primeira parte do terceiro parágrafo do *Sermão*, onde Agostinho distingue *uox* e *uerbum*. Inicialmente, ambos são entendidos como tipos de sons. A *uox* é um som (*sonus*) e o *uerbum* é um tipo particular de *uox*. Portanto, também o *uerbum* é um tipo de som. Mas na sequência da passagem, há uma guinada conceitual: o *uerbum* que era apenas *prolatum* (proferido, exteriorizado através da voz) passa a ter como característica o ser interior à mente.

Para começar, me detenho nas considerações sobre o *uerbum prolatum*. Por *uerbum prolatum*, entendo a palavra proferida por meio de letras e, obrigatoriamente, através do som. Cito Agostinho:

“Procuremos a diferença entre voz e *uerbum*. [...] O *uerbum*, se não tem a propriedade de significar, não é chamado *uerbum*. A voz, porém, ainda que somente ressoe e irracionalmente faça um grande ruído, como o som do que grita e não do que fala, pode se chamar voz, mas não pode se chamar *uerbum*. Alguém resmungar: é uma voz; alguém se lamentou: é uma voz. É um som disforme, que leva ou que apresenta um ruído aos ouvidos sem qualquer propriedade de entendimento. O *uerbum*, porém, a menos que signifique algo, a menos que leve algo diferente aos ouvidos, que apresente algo diferente à mente, não se chama *uerbum*. Então, assim como eu dizia: se você gritar: é uma voz. Se você disser: ‘homem’, é um *uerbum*; ou se você disser ‘rebanho’, ou ‘Deus’, ou ‘mundo’, ou algo diferente. Com efeito, eu disse que todas essas vozes significantes não são: vazias, não ressoantes e que nada informam.”⁶

6 *Sermo* 288,3: “Quaeramus quid intersit inter uocem et uerbum [...] Verbum, si non habeat rationem significantem, uerbum non dicitur. Vox autem, etsi tantummodo sonet, et irrationabiliter perstrepat, tanquam sonus clamantis, non loquentis, uox dici potest, uerbum dici non potest. Nescio quis ingemuit, uox est: eiulavit, uox est. Informis quidam sonus est, gestans uel inferens strepitum auribus sine aliqua ratione intellectus. Verbum autem, nisi aliquid significet, nisi aliud ad aures ferat, aliud menti inferat, uerbum non dicitur. Sicut ergo dicebam, si clames, uox est: si dicas, Homo, uerbum est; si dicas, Pecus; si, Deus; si, Mundus, uel aliquid aliud. Has enim omnes uoces significantes dixi, non inanes, non sonantes et nihil docentes”

Temos uma característica do *uerbum*: “O *uerbum*, se não tem a propriedade de significar, não é chamado *uerbum*” (“*uerbum, si non habeat rationem significantem, uerbum non dicitur*”). É próprio do *uerbum* significar⁷. Notemos que ainda não há uma divisão dos tipos de *uerbum* (proferido, interior e o pensado em silêncio⁸). Temos uma característica da *uox*: “a voz, ainda que somente ressoe e irracionalmente faça um grande ruído, como o som do que grita, e não do que fala, pode se chamar voz, mas não pode se chamar *uerbum*” (“*uox, autem, etsi tantummodo sonet, et irrationabiliter perstrepat, tamquam sonus clamantis, non loquentis, uox dici potest, uerbum dici non potest*”). Disso temos: para algo se chamar *uox*, é preciso ser um *sonus*, mas não necessariamente dotado de significado. Portanto, é próprio da *uox* ser um som.

Duas observações: (a) do que foi posto até aqui, podemos estabelecer uma relação entre *uerbum* e *uox*, seguindo o modelo “todo x é y, mas nem todo y é x”: todo *uerbum prolatum* é *uox*, mas nem toda *uox* é *uerbum prolatum*. *Uerbum prolatum* é o som dotado de significado (*uox significans*). (b) um gemido, por exemplo, é *uerbum prolatum*, já que pode dar a conhecer várias situações. Por exemplo, pode ser um gemido de dor, de medo, de prazer e assim por diante. No *De Doctrina Christiana* 2,1,1, o signo (*signum*) é definido como aquilo que faz vir ao pensamento algo além do próprio signo. Assim, o gemido de medo, além do próprio gemido que é um signo, faz vir ao pensamento o entendimento de que a pessoa gemente está com determinado sentimento, e assim por diante⁹. A característica do signo, ao estabelecer o

7 Confrontamos nossa tradução com a da BAC: “Una palabra no recibe ese nombre si no significa algo”. A BAC optou em traduzir ‘ratio significans’ por ‘significa algo’, que não foge do sentido, mas que, segundo penso, deixa de lado, ou ao menos não explicita, o sentido de ‘*ratio*’. Em todo caso, tanto na nossa tradução quanto na que oferece a BAC, o *uerbum* é apresentado como algo que significa.

8 *Uerbum imaginabile*. Ele está a meio caminho entre o *uerbum* interior e o *prolatum*. De um lado, não se trata propriamente de um *uerbum* interior porque ele depende ainda de letras – aquilo que Anselmo chama de signos sensíveis (cf. *Monologion* 10). Por outro lado, não se trata também de um *uerbum* exterior porque não é um *sonus*. É quando se pensa em silêncio no som que é proferido, é quando dizemos o som dentro da mente. Por isso dissemos que ele é um estado intermediário entre o *prolatum* e o interior. Panaccio o define como “la représentation mentale des paroles extérieures par l’imagination et qui dépend, donc, d’une langue particulière” (PANACCIO, 1999, p. 81). Tomás de Aquino vai chamá-lo de *imaginatio uocis* (cf. In I Sententiarum, dist. 27, q. 2, a. 1; *Summa theologiae* I, q. 34, a. 1. Ver também em Alberto Magno: In I Sententiarum, d. 27, a. 7). Chamo-o de *uerbum imaginabile* ou de *imaginatio uocis*.

9 Sobre a teoria do *signum* em Agostinho, pode-se consultar: CARY, P. *Outward Signs: the powerlessness of external things in Augustine’s thought*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 17-34; JACKSON, B. D. “The Theory of Signs in St. Augustine’s *De doctrina christiana*”. *Revue des Études Augustiniennes*, Paris, vol. 15, n. 1-2, 1969, p. 9-49; MANDOUZE, A. “Quelques principes de ‘linguistique augustiniennes’ dans le *De magistro*”. *Forma Futuri*, Torino, 1975, p. 790-795; MARKUS, R. A. “St. Augustine on signs”. *Phronesis*, 2, 1957, p. 60-83.

entendimento de algo (*constituere intellectum*), também se aplica ao *uerbum prolatum*.

Condição necessária para que uma *uox* seja *uerbum* é que signifique algo (*aliquid significet*). Isso aparece também na definição de signo, tanto no *De Dialectica* 5 quando no *De Doctrina Christiana* 2,1,1. No *Sermão*, o *uerbum* leva algo diferente aos ouvidos, apresenta algo diferente à mente. Mas diferente do quê, especificamente? Do próprio signo. Quando ouvimos um *uerbum* qualquer (uma *uox articulata* dotada de significado), esse som leva, faz vir (“*fac uenire*”) ao ouvido e, por acréscimo, à mente algo diferente do próprio som, ao qual Agostinho chama de *intellectus* – entendimento.

No *De Doctrina Christiana*, Agostinho afirma que “signo é uma coisa [*res*] que, por si, faz vir ao pensamento algo diferente, além da própria impressão que oferece aos sentidos”¹⁰. Dessa definição de signo se segue que: (i) o signo faz vir ao pensamento algo diferente dele próprio, (ii) geralmente, o significado é diferente do próprio signo. Fumaça e pegadas são exemplos de signos, já que oferecem ao pensamento algo além deles próprios: fumaça traz ideia de fogo, pegadas trazem a ideia de ser humano ou animal. Entendidos desse modo, signos podem ser algo além do que ítems linguísticos, isto é, palavras que fazem parte de uma determinada língua. Portanto, há ítems não-linguísticos que também têm significado¹¹, como gestos, símbolos, etc.

Uerbum prolatum é *uox significans*, que ressoa e informa algo. Por exemplo: os termos ‘homem’, ‘rebanho’, ‘Deus’, ‘mundo’. No *De Dialectica* 5, todo *uerbum* ressoa (“*omne uerbum sonat*”). Quando temos algo escrito, isso não seria propriamente um *uerbum*¹², mas um signo de um *uerbum* (*signum uerborum*). Quando lemos, as letras sugerem à mente os sons da fala¹³. Falar é apresentar

10 *De Doctrina Christiana* 2,1,1. Há uma definição semelhante no *De Dialectica* 5: “Signum est quod et se ipsum sensui et praeter se aliquid animo ostendit”. A ideia de ambas é a mesma: o *signum*, por si mesmo, mostra ou faz vir ao pensamento (ou à mente) algo diferente dele próprio. Cf. JACKSON, B. Darrell. “The Theory of Signs in St. Augustine’s *De doctrina christiana*”. *Revue des Études Augustiniennes*, Paris, vol. 15, n. 1-2, 1969, p. 9-49; KING, Peter. “Augustine on language”, in: MECONI, D. V.; STUMP, E. *The Cambridge Companion to Augustine*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 292-310; KIRWAN, C. “Augustine’s philosophy of language”, in: STUMP, E., KRETZMANN, N. (eds.). *The Cambridge Companion to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 186-204.

11 Cf. *De Doctrina Christiana* 2,1,1–2,3,4; MARKUS, 1957, p. 60-83.

12 Cf. *De Magistro* 5,12: “*uerbum* (palavra) vem de *uerberare* (ferir, repercutir) [...] visto que [...] repercutit nos ouvidos”.

13 Cf. *De Magistro* 4,8: “O que dizer quando encontramos palavras escritas? Acaso não são palavras ou, mais exatamente, não se entendem como sinais de palavras, de modo que a palavra seja aquilo que com algum significado se profere pela articulação da voz? Mas a voz não pode ser percebida senão pelo sentido do ouvido. Assim, quando se escreve uma palavra, ela torna-se um sinal para os ouvidos pelo qual venha à mente aquilo que pertence aos ouvidos”. No *De Trinitate* 15,10,19, Agostinho acrescenta

um signo por meio de uma *uox articulata*, isto é, que pode ser compreendida por meio de letras e sílabas.

Portanto, no trecho do *Sermão* citado acima, o *uerbum* agostiniano segue conceitualmente o *De Dialectica* 5, pois define *uerbum* como *uox articulada*, som dotado de significado. No entanto, na sequência do *Sermão*, Agostinho reconhece haver um outro tipo de *uerbum*.

3. O *uerbum* que está no coração

Estamos no ano de 401. Quinze anos separam o *Sermão* e a “voz intrínseca” dos *Soliloquios*¹⁴, um dos primeiros indícios de um discurso interior em Agostinho. Desde então, expressões e conceitos foram moldando a teoria agostiniana do *uerbum* interior. No *De Fide et Symbolo* encontramos a expressão “produzimos algo escondido no coração” (*quidquid secretum in corde gerimus*)¹⁵, que é retomada e explicada no *De Doctrina Christiana*. Já no *Sermão* o *uerbum* é entendido inicialmente como *prolatum*, um tipo específico de *uox*. A meu ver, parte considerável do discurso interior agostiniano já estava formado até o *Sermão* 401.

Analisemos a continuação do terceiro parágrafo do *Sermão*. Cito Agostinho:

“O *uerbum* significa uma grande quantidade de coisas e sem uma *uox*. A *uox* vazia é sem *uerbum*. Ofereçamos a razão e expliquemos, se nós pudermos, o que propusemos. Eis que você quis dizer algo: isto que você quer dizer já foi concebido no coração. É conservado na memória, disposto na vontade e vive no entendimento. Além disso, isto que você quer dizer não é de nenhuma língua. A própria coisa, que você quer dizer, que foi concebida no coração, não é de nenhuma língua: nem grega, nem latina, nem púnica, nem hebraica, nem de algum outro povo. A coisa está concebida apenas no coração, pronta para sair. Como eu disse, portanto, a coisa é um certo algo, um significado [*sententia quaedam*], um pensamento concebido no coração [*ratio corde concepta*], pronta para sair, para que se

que as palavras escritas, além de serem sinais das palavras faladas, foram inventadas para a comunicação entre os ausentes: “inuentae sunt etiam litterae per quas possemus et cum absentibus conloqui, sed ista signa sunt uocum, cum ipsae uoces in sermone nostro earum quas cogitamus signa sint rerum”.

¹⁴ *Soliloquia* 1,1,1.

¹⁵ *De Fide et Symbolo* 3,3.

introduza no que está ouvindo. Então, assim como a coisa conhecida para este está no coração deste, é um *uerbum* já conhecido para o que vai dizer, não é ainda para o que vai ouvir. Eis, portanto, um *uerbum* já formado, já íntegro, que permanece no coração. Ele procura sair, para que seja dito para o ouvinte. Está atento aquele que concebeu o *uerbum* que diz e tem conhecido para si o *uerbum* no seu coração, está atento para quem está prestes a dizer.”¹⁶

A partir de agora, o *uerbum* deixa de ter, dentre suas condições necessárias, o ressoar. Entre a passagem citada na seção anterior e a que está imediatamente acima há uma exortação para se observar a importância de João Batista e de Jesus. Daí surge a necessidade de se distingui-las a partir do par *uox-uerbum*.

“O *uerbum* significa uma quantidade de coisas e sem uma *uox*”: *uerbum* tinha sido definido como *uox significans*, isto é, como um som dotado de sentido. Pela *uox*, o falante comunica algo a um ouvinte, que o escute e entende. Agora, o *uerbum* pode prescindir da *uox*. Portanto, existe um tipo de *uerbum* que não necessita da *uox* para ser considerado como tal. De que se trata esse tipo específico de *uerbum*? Eis que queremos dizer algo. Tudo o que dizemos, o fazemos por meio de *uerba*, de *uoces* dotadas de significado. O que queremos dizer já foi concebido no coração, está conservado na memória, está disposto na vontade e vive no entendimento e que não pertence à nenhuma língua.

As expressões usadas na passagem citada parecem flutuar em alguns momentos. Vejamos:

(a) eis que queremos dizer (*aliquid*) e esse algo já foi concebido no coração. Como a fala se dá por *uerba*, há um tipo de *uerbum* distinto do *prolatum*, por ser concebido no coração.

16 *Sermo* 288,3: “Verbum ualet plurimum et sine uoce: uox inanis est sine uerbo. Reddamus rationem, et quod proposuimus, si possumus, explicemus. Ecce uoluisti aliquid dicere: hoc ipsum quod uis dicere, iam corde conceptum est; tenetur memoria, paratur uoluntate, uiuit intellectu. Et hoc ipsum quod uis dicere, non est alicuius linguae. Res ipsa, quam uis dicere, quae corde concepta est, non est alicuius linguae, nec graecae, nec latinae, nec punicae, nec hebraeae, nec cuiusquam gentis. Res est tantum corde concepta, parata procedere. Ergo, ut dixi, res est quaedam, sententia quaedam, ratio corde concepta, parata procedere, ut insinuetur audienti. Sic igitur quomodo nota est ei in cuius corde est, uerbum est, iam notum dicturo, nondum audituro. Ecce ergo uerbum iam formatum, iam integrum, manet in corde: quaerit procedere, ut dicatur audienti. Attendi ille qui concepit uerbum quod dicat, et notum habet uerbum sibi in corde suo, attendit cui dicturus est”.

(b) a própria coisa (*res ipsa*) que queremos dizer e que foi concebida no coração (*quae corde concepta est*) não é de nenhuma língua. A coisa (*res*) concebida no coração é o *uerbum*. Na sentença latina correspondente, não encontrei o termo ‘*uerbum*’, mas ‘*aliquid*’ e ‘*res*’. Como este tipo de *uerbum* precede o *uerbum prolatum*¹⁷, inferi se tratar do *uerbum interior*.

(c) uma coisa foi concebida no coração e está pronta para sair. O que vem a ser essa coisa (*res*)? Agostinho passa da indeterminada *res* e chega à *ratio*. A *res* é: (i) uma certa coisa, depois (ii) um significado, e, finalmente, (iii) um pensamento concebido no coração. Nos termos latinos: (i) *uerbum quod res tantum corde concepta*, (ii) *uerbum quod quaedam sententia*¹⁸, (iii) *uerbum quod ratio corde concepta*. Primeiro, a *res* é uma certa coisa, algo indeterminado. Sabemos que foi concebido no coração, mas é algo vago. Segundo, a *res* é um significado (*quaedam sententia*). Significado é o que apreendemos ou entendemos de determinado signo. Um ouvinte, ao escutar um signo qualuquer, o entende (*intellectus*). Terceiro, *res* é uma *ratio corde concepta*, um pensamento concebido no coração. ‘*Ratio*’ é um termo com grande possibilidade de acepções. Não se trata aqui de ‘*razão*’, mas, propriamente falando, de pensamento, visto que a mente, ou coração, não concebe razão, mas pensamentos. Nesse sentido, podemos identificar *uerbum* e *ratio*.

O *uerbum* concebido no coração apresenta dois momentos, de acordo com o falante e de acordo com o ouvinte. Em relação ao falante, antes de haver o *uerbum prolatum*, já existe o *uerbum* no coração. O falante já o conhece, uma vez que o concebeu. Em relação ao ouvinte, o *uerbum* no coração ainda não é conhecido, e por isso é necessário o emprego do *uerbum prolatum*. É através desse que o *uerbum* no coração é transmitido do falante ao ouvinte. Ademais, em relação ao falante, o *uerbum* no coração é anterior ao *uerbum prolatum*. Mas em relação ao ouvinte, o *prolatum* é anterior. No falante, uma vez que o *uerbum* no coração já foi formado, ali permanece íntegro: “*uerbum quod formatum et integrum manet in cordē*”.

3.1 O *uerbum* que não pertence à nenhuma língua

Quanto à formação do *uerbum* concebido no coração, Agostinho não vai muito longe do que já havia dito no *De Doctrina Christiana* 1,13,12. A diferença é o uso do termo ‘*cor*’ (coração) no lugar de ‘*animus*’ (alma racional).

17 Mas também não se trata de um *uerbum imaginabile*.

18 A BAC traduz esse termo por ‘frase’. Optei por significado, ainda que discutível. No entanto, a interpretação da BAC, se consistente, permite-nos ver uma possível sintaxe no discurso interior de Agostinho, pelo motivo de haver frases (*sententiae*) no interior da mente que não dependem de nenhum idioma, etc., que é o ponto a que chega Ockham.

Exceto isso, no falante, o *uerbum* permanece no coração antes, durante e depois de ter sido proferido. Cito Agostinho:

“Olhem o *uerbum* concebido no coração. Ele procura sair para que seja dito. Ele está atento para quem ele será dito. Ele encontrou um grego? Ele procura uma *uox* grega, por meio da qual ele saia para o grego. Encontrou um latino? Ele procura uma *uox* latina, por meio da qual ele saia para o latino. Encontrou um púnico? Ele procura uma *uox* púnica, por meio da qual saia para o púnico. Retire a diversidade dos ouvintes e aquele *uerbum*, que foi concebido no coração, não é nem grego, nem latino, nem púnico, nem de nenhuma língua. Ele procura tal *uox* para sair, tal como estiver presente o ouvinte.”¹⁹

Dentro do coração, o falante já tem concebido um determinado *uerbum*, mas que não faz parte de nenhuma das línguas particulares. De que modo se pode transmitir aquilo que não faz parte de nenhum idioma? A solução de Agostinho é: se o falante encontra um ouvinte grego, ele procura uma *uox* em grego para transmitir o *uerbum* no coração. Assim igualmente se encontra um ouvinte latino ou um ouvinte púnico e assim por diante.

O texto latino usa o termo ‘*uox*’ para se referir à fala em grego. Não se trata, todavia, de qualquer som, mas daquele dotado de significado, um *uerbum prolatum*, tal como vimos acima. Penso ser um recurso de Agostinho para distinguir o *uerbum corde conceptum* do *uerbum prolatum*. Enquanto que o primeiro, em hipótese alguma é uma *uox*, já que é sempre e permanece sempre interior, o segundo, pelo fato de ser *prolatum*, depende da *uox*.

Portanto, entre os falantes, o que varia é o idioma falado, que Agostinho chama de ‘*diuersitatem auditorum*’. A cada povo, uma respectiva língua. No entanto, o que não muda é o *uerbum* concebido no coração. Por não ser de nenhuma língua, ele é o mesmo para todas as pessoas de todos os povos: ‘*uerbum quod non est cuiusquam linguae*’.

¹⁹ *Sermo* 288,3: “Videte uerbum corde conceptum, quaerit procedere, ut dicatur: attendit cui dicatur. Inuenit Graecum? graecam uocem quaerit, qua procedat ad Graecum. Inuenit Latinum? latinam uocem quaerit, qua procedat ad Latinum. Inuenit Punicum? punicam uocem quaerit, qua procedat ad Punicum. Remoue diuersitatem auditorum, et uerbum illud, quod corde conceptum est, nec graecum est, nec latinum, nec punicum, nec cuiusquam linguae. Talem uocem quaerit procedenti, qualis assistit auditor”.

3.2 O *verbum* fundamento de todas as línguas

Como o que varia é o *uerbum prolatum*, o *uerbum* no coração, quando quer sair do coração do falante, procura o idioma segundo aquele que está ouvindo. Do fato de o *uerbum* no coração ser o mesmo para todos, segue-se que ele é o fundamento dos demais *uerba* das línguas faladas. Agostinho parece se comprometer com a tese de que haja no coração um discurso (*oratio*) ou uma linguagem tal como a linguagem falada (*locutio*), composta de uma sintaxe e de uma semântica específicas, comum a todos os povos. Há um *uerbum* no coração, que é o mesmo para todas as pessoas, que é anterior aos demais *uerba prolata* em relação ao falante, ou posterior em relação ao ouvinte.

Cito a parte final do *Sermão* 288,3:

“Agora, irmãos, para que seja apresentado algo que vocês entendam, concebi no coração a fim de dizer ‘Deus’. Isso que concebi no coração é algo nobre. Com efeito, as duas sílabas não são Deus, pois esta voz breve não é Deus. Quero dizer Deus: presto atenção a quem direi. É um latino? Digo ‘Deum’. É um grego? Digo ‘Θεόν’. Em latim, digo ‘Deum’. Em grego, grego ‘Θεόν’. Entre ‘Deum’ e ‘Θεόν’ difere o som: letras de um tipo estão aqui, de outro, ali. No meu coração, porém, naquilo que quero dizer, naquilo que estou pensando, não há diferença de letras, nenhum som diferente de sílabas: isto é o que é. Para que seja pronunciado em latim, um tipo de *uox* é empregado. Para que [seja pronunciado] em grego, um outro tipo. Se eu quiser pronunciar em púnico, empregarei [ainda] um outro tipo. Se em hebraico, outro. Se em egípcio, outro. Se em indiano, outro. Como se faria muitas *uoces* de pessoas pela mudança do *uerbum* do coração, sem qualquer mudança ou variedade de si? Com uma voz latina, [o que é concebido no coração] se dirige a um latino, em grego a um grego, em hebraico a um hebreu. [O que é concebido no coração] chega a um ouvinte e não se separa do falante. Acaso eu próprio perco aquilo que faço ao dizer de modo diferente? Aquele som empregado como meio reproduziu algo em você, [mas] não me abandonou. Eu já estava pensando em Deus. Você ainda não tinha ouvido minha *uox*. Esta tendo sido ouvida, você começou também a ter aquilo que eu estava pensando. Mas eu próprio não perdi aquilo que tinha. Portanto, em mim, como no centro do meu coração,

como no secreto da minha mente, o *uerbum* precedeu minha *uox*. A *uox* ainda não tinha ressoado na minha boca e o *uerbum* já estava no meu coração. Porém, para que aquilo que concebi no coração vá até você, ele procura o serviço da *uox*.²⁰

Temos uma ilustração do funcionamento do *uerbum* concebido no coração e que não pertence à nenhuma língua. Agostinho concebeu Deus no coração e o quer proferir. Mas o que foi concebido no coração: (i) a coisa Deus ou (ii) o nome ‘Deus’? É algo nobre, *magnum aliquid est*. Portanto, não pode ser o nome, mas a coisa, uma *res*. Além disso, o nome ‘Deus’, composto de duas sílabas, De-us, não pode ser a coisa Deus, ao menos não no contexto de Agostinho, onde o Deus cristão possui uma realidade extramental e é um ser existente. O *uerbum* no coração, nesse caso, não é um nome, mas uma *res*. Em alguns momentos ele pode ser um nome, quando esse se identifica com a *res*, como no caso da vogal ‘a’. Pensar na vogal ‘a’ e pensar no seu nome são o mesmo. Mas não ocorre isso no caso de Deus. Por outro lado, não é a própria coisa, o Deus cristão, que está dentro do coração, mas um conceito de Deus. O fato de se pensar na coisa Deus não quer dizer que a coisa Deus esteja dentro da mente, mas, sim, que um determinado conceito dessa coisa esteja. O *uerbum* é aquilo que foi concebido no coração. Aquilo que foi concebido é um conceito. Portanto, há conceitos de coisas (*res*) e conceitos de nomes (*nomina*).

Como entender ‘conceito’ em Agostinho? Aqui, é o ver e o falar as próprias coisas dentro da mente por meio da agudez da inteligência (*acies mentis*). Por essa razão, não se trata de um nome, mas da própria coisa (*res ipsa*) que a mente vê (modelo visual) ou fala (modelo verbal) dentro de si mesma.

20 *Sermo* 288,3: “Modo, fratres, ut aliquid propositum sit quod intelligatis, concepi corde ut dicam, Deus. Hoc quod concepi corde, magnum aliquid est. Non enim duae syllabae sunt Deus; non enim uox ista breuis est Deus. Deum uolo dicere, intendo cui dicam. Latinus est? Deum dico. Graecus est? Θεόν dico. Latino dico Deum, Graeco dico Θεόν. Inter Deum et Θεόν distat sonus: litterae aliae sunt hic, aliae sunt ibi: in corde autem meo, in eo quod uolo dicere, nulla est diuesitas litterarum, nullus sonus uarius syllabarum: hoc est quod est. Ut enuntiaretur Latino, alia uox adhibita est; ut Graeco, alia. Si Punico enuntiare uellem, aliam adhiberem; si Hebraeo, aliam; si Aedyptio, aliam; si Indo, aliam. Quam multas uoces faceret personarum mutatione uerbum cordis, sine ulla sui mutatione uel uarietate? Pergit ad Latinum uoce latina, ad Graecum graeca, ad Hebraeum hebraea. Ad audientem paruenit, nec a loquente discedit. Nunquid enim quod dicendo in alio facio, ego amitto? Sonus ille adhibitus medius in te aliquid propagauit, a me non emigrauit. Deum iam ego cogitabam: tu nondum audieras uocem meam; hac audita, coepisti et tu habere quod cogitabam: sed ego non perdi quod habebam. Ergo in me, tanquam in cardine cordis mei, tanquam in secretario mentis meae, praecessit uerbum uocem meam. Nondum sonuit uox in ore meo, et inest iam uerbum cordi meo. Ut autem exeat ad te quod corde concepi, ministerium uocis inquiri!”

Ver e/ou falar a própria coisa dentro da mente são formas com as quais Agostinho explica o que entende por pensamento (*cogitatio*), enquanto ato mental²¹. O conceito de uma coisa (*res*), isto é, o concebê-la interiormente, é quando a mente vê dentro de si mesma ou diz para si mesma essa própria coisa: cavalo, homem, mesa, computador e assim por diante. Um conceito de nome, por outro lado, precisa ser distinguido do *uerbum imaginabile*. Este seria quando a mente diz em silêncio um *uerbum prolatum*. Conceito de nome é quando a mente vê dentro de si ou diz para si mesma nomes que são, ao mesmo tempo, coisas, como no caso da vogal ‘a’.

Temos na mente o conceito da coisa Deus, um *uerbum* concebido no coração. Encontramos um ouvinte latino. Como exteriorizar esse *uerbum*? Dizemos ‘*Deum*’. O ouvinte é um grego? Dizemos ‘*Θεόν*’, e assim por diante. ‘*Deum*’ e ‘*Θεόν*’ são *uoces* significativas diferentes: as pronúncias são diferentes, a escrita é diferente e mesmo o idioma a que pertencem é completamente diferente. No entanto, o *uerbum* no coração, do qual ambas as *uoces* saíram, é o mesmo: “no meu coração, porém, naquilo que quero dizer, naquilo que estou pensando, não há diferença de letras, nenhum som diferente de sílabas: isto é o que é”.

O *uerbum* no coração é o mesmo porque a coisa (*res*) a qual ele se refere também o é. Portanto, a variedade dos idiomas se encontra no *uerbum prolatum* e não no *uerbum* interior. Além disso, o *uerbum* no coração, quando se exterioriza por meio do *uerbum prolatum*, não deixa de ser *uerbum* no coração. Quando se exterioriza, temos então dois *uerba*: o no coração e o prolatum. Quando o *uerbum prolatum* chega até o ouvinte, o *uerbum* no coração não se separa do falante, por mais que sejam diferentes e inúmeros os idiomas por meio dos quais fazemos sair o que foi concebido no coração.

Considerações finais

Em junho de 401, na solenidade de João Batista, Agostinho proclama o *Sermão* 288 diante da assembleia de Cartago. O objetivo era diferenciar Jesus e João Batista. Para isso, Agostinho analisa dois conceitos: *uerbum* e *uox*. Jesus seria o *Verbum Dei* e João seria a *uox* que clama no deserto.

21 Ver, por exemplo, KOCH, Isabelle. “Le verbum in corde chez Augustin”. In: BIARD, J. *Le langage mental du Moyen Âge à l'Âge Classique*. Louvain/Paris: Éditions Peeters, 2009, p. 1-28; SIRRIDGE, M. “Quam videndo intus dicimus: Seeing and Saying in De Trinitate XV”. EBBESEN, S; FRIEDMAN, R. L. (eds.). *Medieval Analyses in Language and Cognition*. Copenhagen: The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 1999, p. 317-330. Essas teses aparecem em outro artigo: SIRRIDGE, M. “Augustine’s Two Theories of Language” in: *Documenti e Studi Sulla Tradizione Filosofica Medievale* XV, 2000, p. 35-57.

Para entender a relação entre o *Verbum Dei* e a *uox clamantis in deserto*, ele investiga o *uerbum* humano, que está no interior da mente. O *uerbum* interior tem a propriedade de significar, de ser concebido no coração, de ser conservado na memória, de viver no entendimento, de não pertencer à nenhuma língua, de permanecer íntegro no coração, de se servir do auxílio da *uox* para se dar a conhecer a um determinado ouvinte, ao passo que a *uox* não apresenta tais propriedades. Ela seria uma das formas possíveis pela qual o *uerbum* interior se exteriorizaria. Ora, essas características foram apresentadas na introdução. Excetuando o possuir uma sintaxe e uma semântica claramente definidas, vemos que o *uerbum* interior agostiniano é, propriamente falando, um discurso interior ou linguagem mental.

Mas, diante do que foi dito, vejo que há um ponto que Agostinho não aborda no *Sermão*, se aquilo que o falante profere é entendido de forma plena pelo ouvinte. Suponhamos que o falante diga x. Acaso acontece sempre que o ouvinte ouça e entenda x? Não haveria, porventura, a possibilidade de o ouvinte entender algo diferente daquilo que foi proferido? Ainda: acaso aquilo que o falante tem a intenção de comunicar é aquilo que o ouvinte consegue entender? Aqui não encontrei evidências textuais do que Agostinho pensava. O fato é que neste *Sermão* ele assume como natural e clara a comunicação do *uerbum* no coração: “eu já estava pensando em Deus. Você ainda não tinha ouvido minha voz. Esta tendo sido ouvida, você começou também a ter aquilo que eu estava pensando”. Parece um processo espontâneo e automático: o falante profere x, o ouvinte entende x.

Por volta do ano 407, aproximadamente, a discussão sobre o *uerbum in corde* recebe um novo elemento: o prólogo joanino. Agostinho tem diante de si o quarto evangelho e a tarefa de explicá-lo aos seus ouvintes de Hipona. O *Tractatus in Iohannis Euangelium* surge com a finalidade de tornar inteligível o *Logos* que estava no começo junto de Deus, que era Deus, por meio do qual todas as coisas foram feitas e que, em um determinado momento da história, assume a natureza humana, através da encarnação. Haveremos de ter aqui uma versão latina do *logos endiáthetos* e do *logos prophorikós*, expressões condenadas no Concílio de Sirmio, em 351?

Referências

- AUGUSTINUS. *De Magistro*. Cura et studio W. M. Green. Corpus Christianorum Series Latina, 29. Turnhout: Brepols, 1970.
- _____. *De Dialectica*. Tr. with intr. and notes by B. D. Jackson. From the text newly ed. by J. Pinborg. Synthese historical library, 16. Dordrecht: Reidel, 1975.
- _____. *De Doctrina Christiana* libri IV. Ed. J. Martin. De vera religione. Ed. K.-D. Daur. Corpus Christianorum Series Latina, 32. Turnhout: Brepols, 1962.
- _____. *De Fide et Symbolo*. Ed. J. Zycha. Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, 41. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1900.
- _____. *De Trinitate* libri XV. Cura et studio W. J. Mountain; auxiliante F. Glorie. Corpus Christianorum Series Latina, 50-50A. Turnhout: Brepols, 1968. 2 vols.
- _____. *Sermones 273-338: Sermones sobre los mártires*. Edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.
- _____. *Soliloquia*. Ed. W. Hörmann. Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, 89. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1986.
- BOETHIUS. *In librum Aristotelis Peri Hermeneias*. Pars Posterior. Secunda Editio. Lipsias: Teubner, 1858.
- KAMESAR, A. “Logos Endiathetos and the Logos Prophorikos in Allegorical Interpretation: Philo and the D-Scholia to the Iliad”. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 44, 2004, p. 163-181.
- PANACCIO, C. *Le discours intérieur: de Platon à Guillaume d'Ockham*. Paris: Seuil, 1999.